

Longe da badalação, Moby lança 24º álbum

PÁGINA 3



Aline Paes cruza oceanos sonoros em 'Corpo Mar'

PÁGINA 4



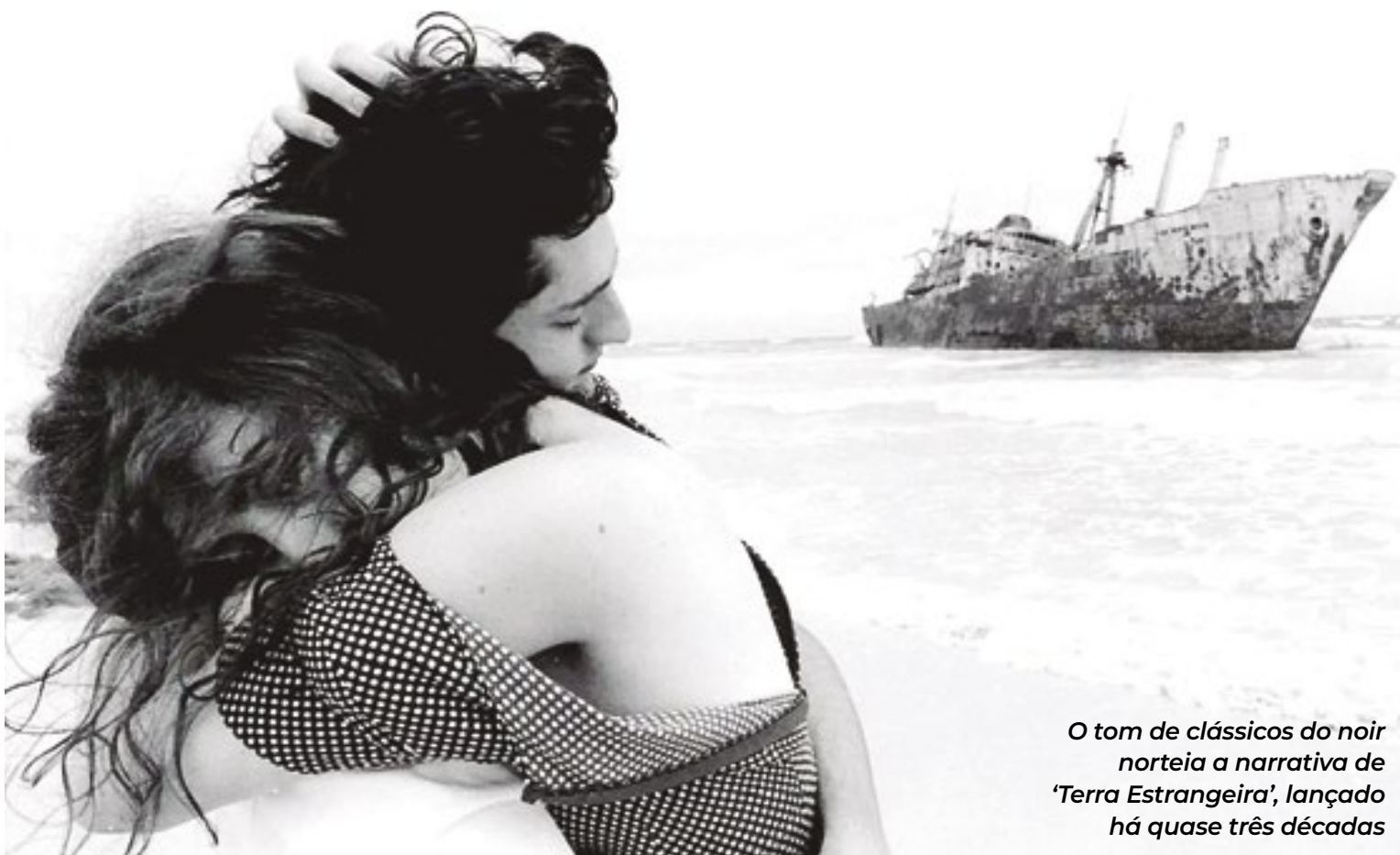
Luiz Zerbini em retrospectiva no CCBB RJ

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

Divulgação



*O tom de clássicos do noir norteia a narrativa de 'Terra Estrangeira', lançado há quase três décadas*

# Na trilha de um cult nacional

Netflix resgata em sua grade o thriller 'Terra Estrangeira', produção fundamental para a Retomada, nos anos 1990

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

**U**m dos pilares da Retomada - período de 1995 a 2010 em que o cinema nacional reiniciou sua produção, abrindo novas frentes estéticas, após o sucateamento da Embrafilme -, "Terra Estrangeira", cult das narrativas policiais (e sociais), entra na grade da

Netflix nesta quarta-feira, às vésperas de completar 30 anos.

Dirigido por Daniela Thomas e Walter Salles, o thriller de 1995 narra a viagem que leva Paco (Fernando Alves Pinto) para além dos limites de sua própria insatisfação com seu país de origem, aos braços de Alex (Fernanda Torres).

Calçados quase que permanentemente no binômio "desterro/reencontro", os filmes que tornaram Salles um dos mais influentes nomes do cinema latino-americano da atualidade encontraram seu combustível de arranque no périplo ibérico de um jovem que traduzia as angústias de toda uma geração.

No caso, ele fala da geração que foi atropelada pelo turbilhão collarido, ou seja, o confisco da poupança pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992). Confisco esse que reduziu a pó o sonho democrático dos mesmos brasileiros que ajudaram eleger o Caçador de Marajá alagoano ao Palácio do Planalto.

Há todo um cabedal político servindo de óleo diesel ao tanque de "Terra estrangeira", mantendo o filme vivo, desde sua trajetória inicial pelas salas de exibição, entre 1995 e 1996. Uma redonda reflexão sobre o sentimento de desilusão para com o Brasil garantiu a essa produção uma eternidade para além de sua requintada experimentação narrativa, marcada por um diálogo com o thriller noir americano dos anos 1940 e 50.

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Maria Rita Nepomuceno dirigiu o documentário

## Documentário sobre vigilância estreia na Cinemateca do MAM

Quais os limites da vigilância constante a que estamos submetidos nas ruas com o monitoramento por reconhecimento facial? O documentário “Sorria, Você Está Sendo Vigiado”, de Maria Rita Nepomuceno se baseia nesta questão para refletir e provocar sobre as consequências da tecnologia usada nas cidades, realidade já praticada em todo o mundo. O filme estreia na Cinemateca do MAM nesta terça-feira (18), às 18h30. Grátis.

“O documentário é um filme-processo marcado pela investigação acadêmica e estética sobre a cidade vigiada. Transpõe para a imagem a dimensão de vigilância dos corpos e dos espaços públicos”, diz a diretora.

### Trajetórias

Ava Galleria Rio, localizada nas instalações da Fábrica Bhering, apresenta até o dia 30 a exposição coletiva “Trajetória: Uma Jornada Artística” para falar sobre os caminhos percorridos por 24 artistas plásticos. A curadoria é de Edson Cardoso. Grátis.

### Use capacete!

Gordon Ramsay sofreu grave acidente de bicicleta na semana passada e mostra hematoma nas redes sociais. “Tenho sorte de estar aqui”, disse o chef de cozinha, destacando a necessidade do uso de capacetes durante as pedaladas.

### Atraque

O espetáculo multilinguagem “Atraque” retorna para nova circulação em comemoração ao mês do orgulho LGBTQIAPN+, com apresentações gratuitas no Teatro Cacilda Becker, no Catete (20 a 23/6) e no Citrus Atelier, em Campo Grande (29/6).

### Stalking

Débora Falabella precisou ir à Justiça contra uma mulher de 40 anos, moradora de Recife, pelo crime de perseguição, ou stalking. Ela foi perseguida durante anos por uma fã, que chegou a aparecer na porta do condomínio onde ela mora, em São Paulo.



Daniela Thomas (de óculos) e Walter Salles (na câmera) nas filmagens durante as filmagens de ‘Terra Estrangeira’

# Entendimento de uma agonia existencial

**P**elo menos na filmografia da Retomada, só um outro longa teve tanta potencialidade ao tirar um raio x da desesperança geracional: o doloroso “O Príncipe” (2002), de Ugo Giorgetti. Percebe-se como os filmes marcantes do período custaram a criar escola, a mobilizar esforços na mesma rota.

“Terra estrangeira” não ficou totalmente sozinho, em parte pelo fato de Walter, que o realizou a quatro mãos com Daniela Thomas, estar afinando a ontologia do êxodo a cada novo trabalho.

O atual é uma adaptação do romance “Ainda Estou Aqui”, de Marcelo Rubens Paiva, também com Fernanda Torres e com Selton Mello, além da participação de Fernanda Montenegro.

“Central do Brasil” (de 1998, que também estreia na Netflix nesta quarta), “Abril Despedaçado” (de 2002) e “Diários de Motocicleta” (de 2004) são projetos hermanos na estrada da arte que,

sob tintas beatniks, aos moldes do “On the Road” literário de Jack Kerouac, tenta entender a agonia existencial que impulsiona os homens a imitarem Ulisses numa odisséia pessoal em busca de sentido.

Em todos eles, Salles volta suas lentes para pessoas que, como Paco, parecem perdidas nos limites econômicos, éticos e até familiares de sua região de origem. Na distância está a liberdade. Onde há a liberdade, deve haver a esperança. Algo que em “casa” - sobretudo se essa casa for o Brasil de Collor - acabou. Surpreendente por seu ritmo frenético, que parece decalcado de “A Morte num Beijo”, de Robert Aldrich, pela fotografia em preto e branco de Walter Carvalho, “Terra Estrangeira” está se fortalecendo com o passar dos anos, compartilhando com a plateia um catálogo de referências cinematográficas. Referências que vão da mais rígida gramática policial, na linha dos polars de Jean-Pierre Melville (tipo “Técnica de

um Delator”), às divagações sobre incomunicabilidade e busca da identidade de Michelangelo Antonioni. A construção das sequências de fuga do casal e as intromissões violentas dos gangsters que aliciam Paco e eliminam Miguel (Alexandre Borges), o namorado de Alex, fogem de qualquer lugar-comum das histórias calcadas em tensão.

O suspense mantido na direção de Salles e Daniela Thomas consegue eletrizar o olhar sem obstruir a razão, que associa a luta de Paco e Alex para sobreviver à realidade dos brasileiros que enfrentaram o inferno solitário do exílio, em busca de uma vida melhor.

Há uma poesia por traz das tomadas calcadas por Walter Carvalho, produzindo linguagem ao domar os fantasmas de influências que poderiam pasteurizar os planos e lhe esvaziar o estilo. Todo o investimento em ensaios de base teatral ajudou a integrar as questões pessoais de Alves Pinto ao olhar poético de Paco, que vislumbra o horizonte luso com as pálpebras românticas dos sonhadores. Numa azeitada interação de atores, Salles e Daniela aportaram numa confluência de culturas: brasileira, angolana, portuguesa, espanhola. Há muitos sotaques, mas todos estão conjugando o mesmo verbo: resistir.



Lindsay Hicks/Divulgação



## Há anos vivendo na contramão dos popstars, Moby lança seu 24º álbum

Por **Rodrigo Salem** (Folhapress)

**“Oi?”**, uma voz suave surge na rua estreita nas colinas de Hollywood, perto do famoso Griffith Park, em Los Angeles. Mas não há ninguém por perto, apenas dois cães brincando e mulheres passeando pelas trilhas do lugar. “Oi?”, a voz fica mais alta e, por trás de arbustos e protegido pelas sombras dos carvalhos, aparece Moby.

Pode parecer um encontro inusitado para quem guarda na memória a imagem de Moby como o DJ, cantor, instrumentista e produtor que ajudou a popularizar a música eletrônica na virada da década de 1990 para 2000. Mas esse superstar das pistas que bebia todas, lotava shows pelo mundo, namorava atrizes hollywoodianas e vendia milhões de discos não existe mais.

Prestes a lançar seu 24º álbum, “Always Centered at Night”, Moby, de 58 anos, prefere “ficar em casa e fazer música”. O comporta-

mento mudou não só com a idade, mas com o veganismo, ativismo ambiental e a sobriedade - ele não bebe há cerca de dez anos.

Ele vendeu sua antiga mansão, a réplica de um castelo, em 2014. “Se eu gostasse de fazer festas, teria sido perfeito. Mas era somente eu sentado na cozinha, lendo a *The New Yorker*”, afirma o músico, agora vivendo numa casa mais discreta que teve a garagem reformada para abrigar seu estúdio de gravação e um corredor onde mantém seus prêmios empilhados, que incluem discos de ouro e platina.

Nascido Richard Melville Hall, em Nova York, Moby não esconde suas prioridades. Acorda antes do sol raiar na Califórnia e mantém uma rotina de caminhada às manhãs pelo parque. “Virei o velho que conhece todas as trilhas”, brinca o artista que, há poucos dias, encontrou Christopher Nolan, seu vizinho de bairro, saindo de moletom como “um pai normal”.

“Um dos aspectos mais valiosos daqui é a natureza, algo similar à floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, que nos mostra que os humanos não são o centro do universo. O que não deixa de ser irônico, já que há muito narcisismo em Los Angeles.”

Ele menciona que teve breves encontros com a morte no meio da natureza. O primeiro foi nos montes que formam as cavernas

Bronson, mais conhecidas por serem a entrada da caverna da série do Batman dos anos 1960. O músico ficou preso no alto sob o olhar de coiotes e só conseguiu escapar ao segurar as plantas que mantinham a terra firme.

O segundo foi quando encontrou um urso enorme se alimentando no meio da Angeles National Forest. “Caminhei de costas lentamente, mas pensei como seria interessante se ele tivesse me matado ali, no meio do nada. Veio a aceitação de que não seria tão ruim”, lembra o artista.

Saindo da boca de Moby, a frase não soa tão mórbida. “Penso na morte constantemente. Estranho que a humanidade faz tudo em seu poder para não pensar nisso, mas é um fato. Achamos que a podemos conquistar ao ignorar tudo isso”, afirma Moby.

“Quando eu morrer, serei reciclado. Está no meu testamento. Quero ser enterrado da maneira mais ecologicamente responsável, o que acredito ser com um ‘terno de cogumelos’, essencialmente um saco de dormir biodegradável cheio de esporos de cogumelos.”

Antes desse ciclo da vida se completar, o músico continua trabalhando todos os dias em novas faixas, com uma energia invejável. “Always Centered at Night” traz 13 músicas em parceria com artistas de diversos países, como o cantor americano Serpenthwithfeet, o poeta britânico Benjamin Zephaniah e J.P.

Bimemi, nascido no Burundi. “Comecei a procurar vozes que não conhecia e virou esse processo quase antropológico”, afirma.

O disco foi inspirado nas casas noturnas e lojas de discos de Nova York das décadas de 1970 e 1980, quando “a dance music não tinha identidade e as pessoas dançavam com qualquer gênero”. “Querida fazer um álbum de dance, mas que não fosse moderno”, diz, avesso à moda dos “featuring”.

“A grande maioria é marketing. Não importa a qualidade da voz, mas o número de seguidores nas redes sociais. Prefiro trabalhar com uma cantora maravilhosa a uma cantora celebridade”, ele afirma. “Talvez pensasse diferente se tivesse 20 anos.”

Talvez, mas Moby tem quase seis décadas de vida e 20 milhões de discos vendidos. Ele está em paz com sua posição na indústria fonográfica e não tem medo de fazer críticas.

“A música pop atual não tem vida. A música pop atual não tem nada a ver com música. Tem a ver com redes sociais combinadas com fama”, diz. “Os artistas não estão tentando criar beleza ou algo desafiador, novo e diferente. Querem apenas fazer algo que vai chamar a atenção do algoritmo do TikTok. Imagine tentar lançar agora ‘Stairway to Heaven’, uma música de sete minutos com dois minutos sem vocais.”

Moby evita opinar sobre Taylor Swift porque não quer “ser crucificado por seus seguidores” e revela gostar de “algumas coisas” de Kendrick Lamar. A impressão é a de que sua cabeça está no ativismo ambiental. Ele excursionará pela Europa pela primeira vez em uma década na comemoração dos 25 anos do álbum “Play”, que vendeu quase três milhões de cópias, mas doará o seu cachê para organizações dos direitos dos animais.

“Será completo, com toda a banda. Todos vão ganhar salário, menos eu. Sou consciente do dinheiro que fiz e do que ainda faço. Não gosto de luxo. Quando você encontra algo mais importante que sua própria vida, o objetivo é trabalhar para isso”, diz o músico, que acrescenta já não ter uma relação especial com a obra que mudou a sua carreira.

“Sou grato por isso ter me feito experimentar o mundo da fama. Pessoas famosas não são interessantes, tendem a ser mimadas. Mas só pude rejeitar a fama depois de viver isso”, afirma ele.

Moby não descarta uma nova visita ao Brasil com o show que ele apelidou como um “Greatest Hits”. “Odeio quando vou a um show e o artista não toca a música que quero ouvir”, afirma o artista. “Vamos ver como serão as apresentações na Europa. Não gosto de viajar e tenho problemas para dormir. Gosto de ficar em casa e fazer trilhas.”

Cantora e compositora Aline Paes apresenta as canções de ‘Corpo Mar’, seu mais novo álbum

**A**pós um período de oito anos sem produzir novos álbuns ou músicas inéditas, a cantora e compositora Aline Paes retornou no ano passado com três singles e agora oferece ao público o álbum “Corpo Mar” cujas canções serão apresentadas nesta terça-feira (18) no Sesc Copacabana.

O trabalho é uma fusão de sons e influências de diversas culturas de países atlânticos, como Angola, Cabo Verde, Jamaica e Cuba, explora ritmos como xote, reggae, samba, semba, congo e funk, refletindo a identidade musical da artista e sua conexão com diferentes culturas ao redor do mundo.

Além de apresentar músicas do novo projeto, o repertório é composto por canções do seu primeiro disco, “Batucada Canção” (2015) e do projeto “BondeGal”, em uma homenagem à inesquecível Gal Costa. A apresentação contará ainda com algumas releituras surpresas e também com participações especiais da cantora carioca Marina Íris e do músico cubano Aliesky Perez.

No palco, Aline será acompanhada por uma banda composta pelos músicos Bernardo Aguiar (percussão e produção musical), Boka Reis (percussão), Nega-deza (percussão), Diogo Sili (guitarra e produção musical), Elisio Freitas (guitarra) e Rodrigo Ferreira (baixo). O cenário, assinado pela premiada Suzane Queiroz, e o figurino de Carol Lobato refletem a liberdade e força feminina da artista.



# Voz que ecoa por esta e outras águas



Divulgação

**Aline Paes retoma a carreira com ‘Corpo Mar’, um novo álbum de inéditas em que também se descobriu compositora**

“Estou preparando esse novo show com muito carinho para o meu público. Espero o momento

desse lançamento há algum tempo, então será uma celebração a tudo o que esse novo álbum car-

rega e a tudo que vim construindo internamente, honrando a mulher que me tornei. Muitos processos de autoconhecimento, composição, questionamentos sobre o que cantar e como seguir cantando. Agora é hora de compartilhar diretamente com o público no lugar sagrado que é o palco”, conta Aline.

Mais do que uma coleção de músicas, “Corpo mar” é uma jornada emocional e sensorial que celebra a conexão entre o corpo feminino e o vasto oceano que nos cerca. Aline Paes, conhecida por sua voz marcante e pela diversidade de ritmos que traz em sua música, convida os ouvintes a explorarem seu oceano particular.

“Meu disco traz ritmos do país, mas se lança a navegar por outros litorais também. Esse híbrido que forma a base pra tudo que venho fazendo”, diz Aline que, em seu processo de autoconhecimento, se descobriu também compositora e assina as faixas “Mar Aberto” e “Canto Atlântico”, esta em parceria com Bernardo Aguiar.

O álbum, lançado pelo selo Ala Music, conta com a participação de Marina Iris (Brasil), do embaixador do Semba Paulo Flores (Angola) e de Aliesky Perez (Cuba). A produção musical é assinada pela cantora Aline Paes, pelo percussionista Bernardo Aguiar e pelo guitarrista Diogo Sili. A masterização é do conceituado engenheiro de som Alexandre Rabaço e a mixagem foi feita pela lenda da percussão Marcos Suzano.

## SERVIÇO

ALINE PAES - CORPO MAR  
Sesc Copacabana 9Rua Domingos Ferreira, 160)  
18/6, às 19h  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



# Para se amar plenamente. Sem segredos

Samba abolerado em parceria com Nei Lopes antecipa 'Nos Combates da Vida', próximo álbum de Nilze de Carvalho

Com lançamento de álbum "Nos Combates da Vida", programado para Julho, a cantora, compositora e multi-instrumentista Nilze Carvalho antecipa uma das faixas e entrega um pouquinho do que virá com a inédita "Amor Segredo". Nilze tem um parceira de peso, ninguém menos que Nei Lopes, a quem a artista tem enorme respeito e gratidão: "Quando voltei para o Brasil, depois anos no Japão, Nei me recebeu, trabalhamos muito juntos e ele virou uma espécie de

padrinho neste retorno depois de tantos anos longe", conta Nilze.

Primeira gravação de uma parceria entre Nilze e Nei, "Amor Segredo" é hiper romântica e nos traz a temática do amor platônico.

"Um amor que jamais escutou um 'te amo' ou 'te quero'... amor que 'se rói de ciúmes' mas ninguém sabe dele ('nem mesmo você')", diz a letra.

O arranjo foi pensado para flutuar. O sopro suave e o piano passam por dentro deste segredo abolerado. Lançar "Amor Segre-



*Nilze Carvalho: 'Quando voltei para o Brasil, depois anos no Japão, Nei me recebeu, trabalhamos muito juntos e ele virou uma espécie de padrinho neste retorno'*

do" na ocasião do Dia dos Namorados traz a ideia de incentivar o público a realizar e buscar pelos seus amores e que eles deixem de serem sonhos sonhados em segredo para serem vividos em sua plenitude.

O álbum completo traz Nilze

Carvalho assinando a produção musical e conta com co-produção do baixista Zé Luis Maia. Os arranjos também são dela e receberam contribuições primordiais dos músicos que a acompanham há tempos. Diego Zangado (bateria), Hudson Santos (violão), Luiz

Augusto Guimarães (percussões) e o próprio Zé Luis formam uma banda-base estrelada: time que constrói junto, chega longe "Nos Combates da Vida". O show de lançamento já está agendado para o dia 19 de julho, no Teatro Rival Petrobras.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Ele & Elas

Léo Santana acaba de lançar nas plataformas de áudio e no YouTube a primeira parte do projeto audiovisual "Léo & Elas", gravado no Mineirão, em Belo Horizonte, e que conta com a participação de grandes nomes femininos do cena nacional como Ivete Sangalo, Simone Mendes, Mari Fernandez, Maiara & Maraisa, Iza e Ana Castela. O cantor é um apaixonado pelas mulheres, um admirador do talento, da expertise, da força, garra e, principalmente, do poder que só elas têm de fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Fotomontagem



Gabriel Vorbon/Divulgação



### Álbum ampliado

Jão acaba de lançar "Supernova", a versão deluxe do álbum "Super" (2023), cuja estreia bateu a marca de 8,5 milhões de streams em 24 horas de lançamento. Todas as faixas do trabalho entraram no Top 200 do Spotify Brasil. Repetindo a parceria, a versão deluxe traz oito canções compostas por Jão, Pedro Tófani e Zebu. São elas: "Religião", "Acidente", "O Triste É Que Eu Te Amo", "Modo de Dizer", "Carnaval", "Locadora (Versão Estendida)", "Supernova" e "Paranoid". "Algumas faixas que foram criadas na época e não entraram no disco original", diz Jão.

Fernanda Lima



### Uma nova visão

Após o lançamento do terceiro álbum da carreira, Bryan Behr lança o videoclipe de "Big Bang". Composição de Behr e Davi Carturani, a faixa fala sobre uma pessoa que tem uma visão cética sobre relacionamentos e mundo que, ao encontrar alguém especial, muda completamente essa perspectiva sobre amor e vida, revelando a imensidão dos sentimentos em uma relação, mesmo aquelas que deixaram de existir, revisitando as expectativas e lidando com a nostalgia. "O clipe permite que as pessoas visualizem o conceito geral do álbum", explica o artista.

## Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho e as delícias e dores dos herdeiros artísticos

**E**mbora o humor corra nas veias de Bruno Mazzeo e Lucio Mauro Filho, carregar o DNA de dois ícones do gênero no país e ainda seguir a mesma profissão não é algo trivial. No espetáculo “Gostava Mais dos Pais”, que estreia nesta semana no Teatro Casa Grande, após temporada em São Paulo, os atores celebram a amizade de berço e as dores e delícias de sucederem a Chico Anysio (1931–2012) e Lucio Mauro (1927–2019), uma das duplas mais emblemáticas da comédia brasileira.

“Esse espetáculo é, antes de tudo, a celebração da grande amizade que nossos pais passaram para nós. Nossas trajetórias se entrelaçaram por conta própria, repetindo uma feliz parceria deles, mas do nosso jeito, no nosso tempo”, resume Lucio.

“Na peça nós os usamos para falar sobre a passagem do tempo e a tentativa de entender o nosso lugar nesse mundo novo”, completa Bruno.

O embrião do projeto nasceu ainda antes da pandemia, quando estavam em turnê com “5x Comédia”, espetáculo que rodou o país de 2017 a 2019. Debora Lamm, parceira de longa data de ambos, foi convidada para assinar a direção, enquanto Aloísio de Abreu e Rosana Ferrão respondem pelo texto, escrito a partir de questionamentos levantados pelos protagonistas.

“Nós somos parceiros da Debora há pelo menos 20 anos, no teatro, no cinema e na TV. É uma química testada e aprovada, tanto na esfera pessoal quanto na profissional”, pontua Lucio.

“Eu e Lucinho começamos a ter várias ideias, mas queríamos um olhar de fora. Foi aí que convidamos Aloísio e Rosana, dois parceiros meus de muitos anos, que assinaram comigo os roteiros de ‘A Diarista’ e ‘Cilada’, respectivamente. Nós sabíamos sobre o que gostaríamos de falar. Eles nos ouviam, traziam ideias e a gente lia, debatia, levantava outras. Enfim, foi um trabalho muito participativo”, conta Bruno.

Os atores interpretam cerca de dez personagens e várias versões de si mesmos numa série de esquetes que entrecruzam as suas histórias de vida com temas contemporâneos, como as barreiras impostas ao humor e a dificuldade de encontrar os seus lugares na era



Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho em ‘Gostava Mais dos Pais’

digital, a cultura do cancelamento, a instantaneidade das viralizações e as fake news.

“Uma das finalidades do humor é fazer as pessoas olharem para coisas que estão acontecendo na sociedade sob outra perspectiva. E a nossa peça faz uma reflexão sobre a linha tênue que define os limites da comédia e da nossa responsabilidade de estar em sintonia com o nosso tempo. O humor também envelhece”, pondera Lucio. “Rir de si mesmo é humor esperto. Numa mistura de autoficção e variados personagens, os meninos fazem um divertido panorama de suas próprias trajetórias, abraçam a crise da maturidade em meio ao declínio do patriarcado e, simultaneamente, emocionam ao falarem da importância da amizade e parceria que perpassam os anos”, observa Debora Lamm.

Os atores brincam também com o peso do legado dos pais – e as inevitáveis comparações com eles –, a dificuldade de entenderem seus lugares no mundo moderno e o esforço para se manterem relevantes na faixa

da meia-idade.

“É uma reflexão também sobre o desejo de não remar contra a maré e ao mesmo tempo entender os novos tempos. Ou seja, nós não somos youtubers, nós não sabemos fazer um TikTok. Então, o que a gente faz? Será que ainda vai ter espaço para o que a gente sabe fazer”, questiona Bruno. “Enxergar o novo é a chave. E também buscar um equilíbrio entre a bagagem que acumulamos e podemos oferecer aos projetos, sempre mantendo as portas abertas para as novidades”, complementa Lucio.

O título faz alusão a uma situação que os atores vivenciaram inúmeras vezes quando uma pessoa os interpela na rua. Ela tece mil elogios, mas finaliza o encontro com a frase: “Gostava mais do seu pai”. Ainda assim, nenhum dos dois se furta em fazer piada dessa “herança”. Uma das cenas brinca com o aposto “filho do Chico Anysio”, frequentemente associado a Bruno em entrevistas na TV, enquanto o minimalista e sofisticado

cenário concebido por Daniela Thomas exibe uma sequência de imagens de arquivo que ilustram o episódio. Lucio, por sua vez, diverte-se com o fato de que não consegue escapar de seu próprio nome.

A pressão para permanecerem antenados com o mundo contemporâneo enquanto se aproximam dos 50, além dos conflitos internos e consequências decorrentes disso, permeiam diversos momentos do espetáculo. O ponto de partida é um debate sobre a postagem ou não de uma dancinha deles no TikTok e o que se desencadeia depois são recortes de pontos de vistas afiados que provocam risadas e reflexões.

### SERVIÇO

GOSTAVA MAIS DOS PAIS  
Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 – Loja A - Leblon)  
De 20/6 a 11/8, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)  
Ingressos a partir de R\$ 39,60 (meia)



Conheça os bastidores de 'Crystal', novo espetáculo da companhia canadense em cartaz na RioArena

Por Alessandra Monterastelli  
(Folhapress)

O Cirque du Soleil acaba de voltar ao Brasil, com a estreia do espetáculo "Crystal" no Rio em que manobras no gelo se somam às aguardadas acrobacias dramáticas dos artistas em cena. Em julho, será a vez de São Paulo receber a apresentação.

Quase como uma mistura de "Alice no País das Maravilhas" e "Divertida Mente", 44 acrobatas e patinadores funcionam como personagens do mundo fantasioso de - Crystal uma menina que tem problemas na escola e com a família e encontra na patinação um refúgio.

A temporada começou em fevereiro em Frisco (EUA), agitando a paisagem texana preenchida por picapes e vegetação seca. Nos bastidores, uma engrenagem de dezenas de máquinas de lavar roupas, costureiras, maquiadores e figurinistas funciona sem parar, dando uma ideia do que é preciso para manter a multinacional circense.

Destaques do entretenimento por séculos, os circos declinaram no século 20. Foi em 1984, já com televisão e megashows de rock, que o Cirque du Soleil foi fundado, no Canadá. Hoje, a companhia emprega cerca de 4 mil pessoas, incluindo 1,2 mil de todo o mundo.

Apesar dos 17 shows que acontecem simultaneamente pelo mundo, a formação dos artistas é centralizada em Montreal. Ocasionalmente, o circo abre um processo seletivo, e os selecionados precisam se mudar para o Canadá.

O patinador Michael Helgren,

# Cirque du Soleil faz nevar no Brasil

Divulgação



*A história narra a vida de Crystal, uma jovem criativa que se sente incompreendida e fora de sincronia consigo mesma*

de 35 anos, que faz parte do elenco de "Crystal", entrou para a companhia na terceira tentativa. Profissional desde os 19 anos, ele chegou a patinar em espetáculos da Disney on Ice, mas queria performances que exigissem o máximo de seu corpo.

"Antes de entrar para o Soleil, estávamos acostumados com outros patinadores ao nosso redor,

não com pessoas sendo jogadas no ar", diz. "Quando você está aqui, sabe que está no topo da cadeia de acrobatas."

No momento em que o trabalho enfrenta a uberização e o teatro precisa superar as baixas bilheteiras, estar na companhia também é sinônimo de estabilidade, ele diz. "Nosso espetáculo vai terminar em um ano e meio, mas a direção disse

que pretende nos realocar em outros shows ou ensinar movimentos diferentes para nos manter na indústria."

Nos bastidores de "Crystal", em meio ao emaranhado de cabos pelo chão que ligam um equipamento de som a outro de luz, até uma academia se ergue no camarim. Artistas treinam bíceps, abdômen e coxas quando não são vistos, já que segurar uns aos outros no ar - e agora sobre o gelo - é um dos números mais aguardados pelo público, que solta gritinhos de empolgação a cada pirueta e grita ao palhaço, quando ele entra atirando bolas de neve na plateia.

"Isso remonta aos ideais circenses. As pessoas não tinham medo de reagir. Depois, alguma coisa aconteceu, e elas sentem que devem sentar no escuro das cadeiras da plateia e não falar nada", diz Crystal Manich, diretora artística do espetáculo.

Mesmo que hoje o entretenimento esteja a um clique de tela, Manich explica o sucesso do circo por seu "caos organizado", com estímulos constantes acontecendo a todo momento no palco. "É muita coisa para ver e, ao mesmo tempo, conseguimos contar histórias por meio do circo", diz. "Temos o mesmo trapézista em todos os shows, e ainda assim as pessoas vêm de novo. É porque cada vez o trapézio será usado de um jeito diferente para contar uma história."

## SERVIÇO CRYSTAL

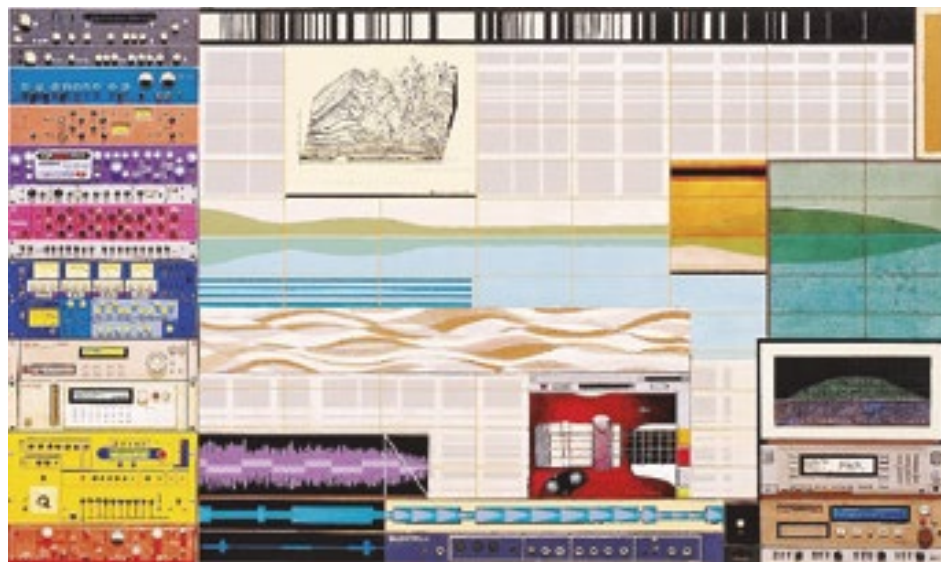
Farmasi Arena (Avenida Embaixador Abelardo Bueno, 3401, Barra da Tijuca)  
Até 23/6,  
De R\$ 180 (meia-entrada do setor Silver, com visão parcial) até R\$ 820 (setor premium)





Macunaíma (2017)

Divulgação



Paisagem Digital (2003)



Rio das Cores (2020)



Água Amarela Pedra Rosa (2021)

# Paisagens, sonhos e memórias trituradas

CCBB apresenta a primeira grande retrospectiva da obra de Luiz Zerbini



Miragem (2004)



Mesa Bar (2017)

“Para pintar, é preciso estar em pé no campo, pisando o capim com o olhar vago, fixo no horizonte, e triturar involuntariamente paisagens, sonhos e memórias”. A definição é do artista plástico Luiz Zerbini que, nas reflexões acerca de seu processo criativo, costuma repetir que “viver é ruminar paisagens”. Com este mote, o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro apresenta a primeira grande retrospectiva do artista, um dos principais expoentes da Geração 80 da arte brasileira.

“Paisagens Ruminadas” será aberta nesta quarta-feira (19), ocupando o primeiro andar do CCBB e oferecendo ao público um momento único para apreciar e refletir sobre os quase 50 anos de trajetória de Zerbini.

Nesta retrospectiva, sob a curadoria de Clarissa Diniz, os visitantes terão a oportunidade de mergulhar no universo peculiar do artista e imergir no processo criativo de Zerbini, numa jornada de ruminação em que paisagens, sonhos e memórias são triturados e reconfigurados de forma involuntária.

Com 140 obras, algumas delas nunca exibidas, incluindo uma instalação criada especialmente para o CCBB, divididas em cinco núcleos temáticos, os visitantes serão conduzidos por uma viagem visual que perpassa as constantes reelaborações paisagísticas do ar-

tista ao longo de sua carreira.

A mostra destaca a centralidade da paisagem na prática artística de Zerbini, que transcende os limites da pintura para se manifestar em múltiplas linguagens e experimentações. Sua produção artística revela-se como um

verdadeiro mosaico de formas, cores, padrões e narrativas, refletindo não apenas a visão do artista, mas também sua inquietude e sensibilidade diante do mundo.

“Paisagens Ruminadas percorre alguns dos caminhos da voluptuosa e fascinante

paisagística de Luiz Zerbini. Ao reunir obras de várias décadas e apresentar esculturas, objetos, monotípias, instalações e vídeos, a exposição matiza o já conhecido protagonismo de sua pintura, convidando os visitantes a observarem como a ruminação tem sido o principal método de criação desse artista que desde cedo vem mastigando, digerindo, regurgitando e novamente devorando suas próprias referências, signos, composições, perspectivas, narrativas, formas, cores, padrões, imagens”, comenta Clarissa Diniz.

A obra de Zerbini é um convite à reflexão sobre a natureza da arte e sua relação intrínseca com a vida. Além de sua proeminência como pintor, ele destaca-se como um artista multimídia, cuja produção multifacetada explora os limites entre as artes visuais, a música e o cinema. Há quase 30 anos, a serem completados em 2025, Zerbini participa do coletivo sonoro Chelpe Ferro, criado junto com os artistas Barrão e Sergio Mekler, que produz obras como objetos, instalações, performances, além de shows e CDs.

## SERVIÇO

### PAISAGENS RUMINADAS

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)  
De 19/6 a 2/9, de quarta a segunda (9h às 20h) | Entrada franca